

"MACACO E NEGRO-PREGUIÇOSO"

RELATO DE UMA DEPLORÁVEL CENA DE RACISMO, VIOLÊNCIA FÍSICA E XENOFOBIA

Prezados Colegas, Amigos e Professores,

Venho por este meio, narrar um triste episódio envolvendo atos de discriminação racial, violência física e xenofobia, do qual eu Orlando Santos e Valdinéa Sacramento, estudantes da Universidade Federal da Bahia, fomos as vítimas.

Eram cerca de 11 horas do dia 12 de janeiro do ano em curso, por sinal dia da **"Lavagem do Bonfim"**, quando saí de casa com destino ao **edifício São Rafael, situado na Rua Tuiuti, Largo Dois de Julho**. O propósito foi, junto com Valdinéa, tratar de questões de caráter acadêmico-profissional. Terminado o trabalho e, num dia de muito sol e bastante calor, decidimos brindar o sucesso de um dia produtivo de trabalho com uma cervejinha e trocar algumas ideias relacionadas às nossas pesquisas de doutorado em curso.

Optamos então por ficar na barraca do Senhor Zé, situada em frente ao edifício São Rafael, onde mora Valdinéa. Nos aproximamos da barraca de Zé e, fizemos o nosso pedido. Sentados, começamos a conversar. Havia outras pessoas conversando e bebendo cerveja. Instantes depois, três das cerca de quatro pessoas que se encontravam no espaço se ausentaram, ficando apenas um senhor de idade que as acompanhava. Escutando o **"meu sotaque diferente"**, perguntou de onde eu era e começou um diálogo comigo e Valdinéa, narrando sua experiência no Gabão, no início da década de 70, experiência por ele classificada como péssima e ruim, como já se tornou norma nesses relatos pitorescos de "viajantes", onde a busca intencional pelo caótico e exótico acaba por ofuscar qualquer diálogo real e equitativo com o contexto local.

Após escutar atentamente o relato do senhor sobre o **Gabão**, procurei acrescentar alguns elementos de contextualização histórica sobre o referido país, localizado na costa atlântica da região central do continente africano. Lembrando que no ano de 1970, Gabão tinha cerca de uma década de independência política e que, trata-se de um país que devido à abundância de recursos naturais, investimentos privados e boa gestão pública, tem sido considerado pelas estatísticas internacionais como um dos países mais prósperos da região subsaariana do continente africano, mas como é de praxe, o homem se mostrou irredutível na sua análise.

Nesse momento aproxima-se de nós um indivíduo, fora do contexto do nosso diálogo, em tom agressivo, gritando **"os africanos é que começaram com tráfico de escravos, são eles os responsáveis pela escravidão"**, por essa altura, disse a esse senhor que iria me retirar desse tipo de debate e me afastei um pouco. Não conformado, o intruso de nome **Lázaro Azevedo, morador do edifício Tuiuti, 33, apartamento 201**, num tom agressivo foi insistindo em manter a conversa. Voltei a

dizer que me recusava a responder as suas infundadas provocações, primeiro porque estava visivelmente embriagado e, segundo porque sua fala demonstrava uma ausência do mínimo de conhecimento sobre a história da Bahia, do Brasil e muito menos do continente africano.

Fracassado no campo das idéias e visivelmente incomodado, o indivíduo decidiu apelar para a ação **"Pit Bull"** tentando me agredir fisicamente, desferiu um murro em direção a mim, atingindo de raspão a parte direita do meu rosto. Ainda assim evitei qualquer tipo de confronto corporal. Nessa altura, Valdinéa que estava do outro lado da rua, conversando com uma colega que passava, correu para junto de nós para tentar apaziguar. Ainda assim, o homem esbanjando ódio pelos poros tentava se atirar contra mim.

Daí que, optamos por nos retirarmos do local mas, quando nos dirigíamos a porta do edifício onde mora Valdinéa, o indivíduo nos perseguiu até a portão tentando ainda nos agredir fisicamente. Foi nesse momento, quando o porteiro do edifício se aproximou para evitar que fôssemos agredidos, afastando o indivíduo de nós, este inconformado e num ato da mais extrema covardia e crueldade deu um tapa na cara de Valdinéa que se desequilibrou e caiu na escadaria da entrada do prédio, não acontecendo o pior porque me encontrava ao lado e consegui evitar que batesse a cabeça num dos degraus.

Ainda insatisfeito, o indivíduo tentou invadir o edifício, e não tendo sucesso, partiu para agressão verbal me xingando de **"macaco"**, **"negro preguiçoso"** e Valdinéa passou a ser a **"Negra Vadia"**. Prometendo vingança nos seguintes termos **"vou te pegar negão e te fazer voltar pra tua terra, macaco"**. Algum tempo depois deste triste episódio, nos dirigimos a **1ª delegacia dos Barris**, situada na Rua Politeama de Baixo, para registrar ocorrência sobre o sucedido, cuja audiência está marcada para o dia **13 de Fevereiro de 2012**. Tentamos ainda acionar outros serviços como a Delegacia Especial de Atendimento À Mulher - no Engenho Velho de Brotas - mas tomamos conhecimento que a Lei Maria da Penha não contempla esse tipo de agressão, apenas as de fórum doméstico.

Desta cruel experiência, fica ainda mais nítido que apesar do Brasil albergar o segundo maior contingente de população negra do mundo fora de África, de possuir mais de 22,5 milhões de jovens de ascendência africana em um total de 47,3% (FNUAP¹, 2011) e, no caso específico de Salvador, o fato de ser eleita em 2011, a capital Afro-descendente da Ibero-América.² Percebo que a população negra é quase que invisível, estando entre os grupos populacionais que enfrentam as maiores desvantagens sociais: exclusão sócio-econômica e discriminação. Essa parcela da população também tem os piores índices de saúde, educação e emprego, apesar das transformações ocorridas em direção a uma maior democratização social (INSPIR³, 1999).

¹ Fundo das Nações Unidas Para a População.

² Conclusão saída da declaração final do Encontro Ibero-Americano do Ano Internacional dos Afro-descendentes (Afro XXI), realizado de 16 a 19 de Novembro 2011 em Salvador.

³ Instituto Sindical Interamericano Pela Igualdade Racial.

Devemos levar em consideração que, sendo Salvador uma cidade cuja maioria dos seus habitantes é negra, essa mesma população é esmagada pelo racismo e pela sutil negação dos referenciais civilizatórios de matriz africana. Muito embora exista um enganador discurso de igualdade racial por conta da mediatização e mercantilização das culturas negras. Por outro lado, fica também em evidência um profundo desconhecimento da História de África e das populações Afro-brasileiras, ao ponto se de acreditar que negros são cidadãos de terceira-classe. Por isso algumas políticas públicas voltadas para as populações negras parecem incomodar tanto determinados grupos sociais. Isso explica o xingamento: "*Você é um negro preguiçoso*", certamente por não estar na portaria de um prédio ou carregando peso nas costas para garantir o sustento, por isso negro com formação universitária é sinônimo de preguiça na visão de alguns. E ainda, o fato de as Nações Unidas ter decretado 2011 como o Ano Internacional dos Afrodescendentes, que serventia teve tal iniciativa?

Diante dessas evidências, questiono o falacioso discurso da ausência de racismo e atitudes de discriminação contra negros na sociedade soteropolitana, assim como a inexistência de práticas sociais respaldadas em antigas relações sociais desiguais que remontam ao período colonial.

Salvador, 29/01/12

Orlando Santos
Sociólogo

Mestre em Estudos Étnicos e Africanos
Estudante de Convênio Brasil-Angola
(Programa Estudante Convênio de Pós-Graduação - PEC-PG)
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA